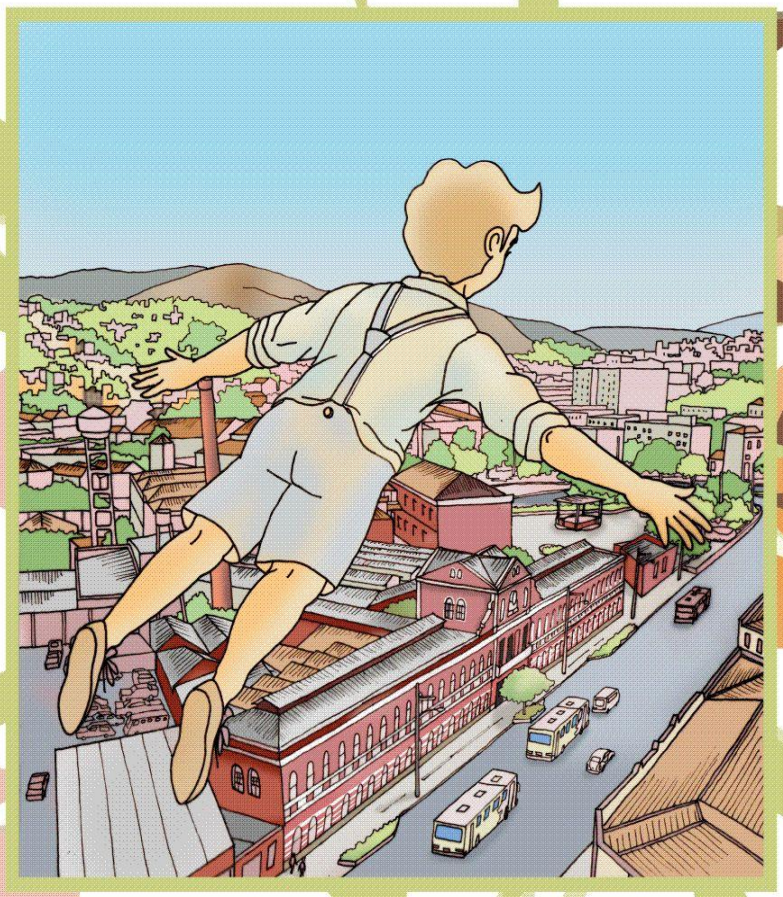
BERNARDO MASCARENHAS

Um homem, várias histórias -
da Cedro e Cachoeira até os dias de hoje



APOSTILA DE AUXÍLIO E PESQUISA PARA APLICAÇÃO DO PROJETO EM SALA DE AULA

Projeto Aprovado pela Lei Murilo Mendes sob n. 037/10

CIDADE DE JUIZ DE FORA PREFEITURA · FUNALFA · Murilo Mendes Lei Municipal de Incentivo à Cultura Prefeitura de Juiz de Fora

PROJETO DE PESQUISA SOBRE:
BERNARDO MASCARENHAS, UM HOMEM, VÁRIAS HISTÓRIAS
DA CEDRO E CACHOEIRA ATÉ OS DIAS DE HOJE

APOSTILA DE AUXÍLIO E PESQUISA PARA APLICAÇÃO DO PROJETO EM SALA DE AULA

O objetivo desta apostila é mostrar que as histórias em quadrinhos (HQs) podem ser utilizadas também como instrumento educativo, deixando de ser apenas um meio de entretenimento, passando a ser um recurso, ou um apoio didático nas instituições escolares.

Este projeto: "Bernardo Mascarenhas, um homem várias histórias – da Cedro e Cachoeira até os dias de hoje", quer, através de uma revisão bibliográfica e diversas pesquisas, mostrar a importância dos quadrinhos no processo educativo e comprovar a eficácia dos mesmos no ensino e a sua perfeita aceitação por parte dos alunos.

A equipe responsável pelo projeto pesquisou imagens, vestuário da época, tipos de construções arquitetônicas, personagens históricos, características da fala dos personagens, veículos de transportes usados na época, maquinários daquele tempo, aspectos da indústria em Juiz de Fora, a presença de grande número de escravos na região e sua contribuição para a cidade, enfim, o perfil político, educacional e cultural de Juiz de Fora da época, assim como as características da cidade no fim do século XIX. É muito importante o professor observar estes detalhes para o completo entendimento do aluno da época em que se passa a história.

Este projeto foi aprovado pela Lei Murilo Mendes sob nº 037/10.

Para realização desse projeto obtivemos o apoio de:

Através das oficinas de desenho artístico e quadrinhos que é realizada na Rede Pública de Ensino no CEM – Centro de Educação de Jovens e Adultos, que funciona exatamente onde antigamente era um setor da Fábrica de Bernardo Mascarenhas, percebeu-se a possibilidade de contar a História da Fábrica e do seu entorno, utilizando os recursos dos desenhos em quadrinhos.

"Bernardinho", personagem da 1ª história, fará um elo entre o passado e o presente, e representará a luta pela educação, a informação, a sensibilização para a arte e a cultura. Uma lembrança viva de um homem que foi um pioneiro e que ajudará a provar que além de desenvolver boas ideias é preciso despertar nos jovens a vontade de adquirir o conhecimento da sua história e ser um cidadão participativo e consciente. Assim será possível ajudar a formar nos alunos alguns conceitos de cidadania, valorização da história e preservação do patrimônio arquitetônico, artístico e cultural de Juiz de Fora.

O BLOG - Uma etapa importante dos trabalhos foi a criação de um Blog. http://bernardomascarenhas.blogspot.com. Este blog é um *making of* do Projeto aprovado pela Lei Murilo Mendes - edição 2010 - N. 037-10. O objetivo é disponibilizar as pesquisas e parte do processo de criação e finalização das histórias. Esta página mostrará as etapas do processo de criação: Roteiro, storyboard, layout, criação dos desenhos, colorização digital e letramento das Histórias, visando ajudar no entendimento do projeto.

Algumas questões podem ser levantadas pelo professor ao aplicar este projeto para os alunos em sala de aula. Estas questões surgem na apostila em forma de perguntas e respostas. No decorrer das histórias foram observados alguns pontos de grande importância para que os professores observem para os seus alunos.

HISTÓRIA 1

RESUMO DA HISTÓRIA

Trata-se de uma história em quadrinhos baseada na vida de Bernardo Mascarenhas. Na história aparece um garoto que representa o próprio Bernardo (chamado de Bernardinho), vestido com as roupas de antigamente e que surge nos quadrinhos como se tudo observasse do alto e, de vez em quando, acrescenta alguma fala explicando coisas sobre a própria vida.

A história se passa, inicialmente, nas ruas de Juiz de Fora mostrando as construções históricas no entorno do espaço Mascarenhas. Bernardinho encontra 2 garotos que conversam sobre Bernardo Mascarenhas e tiram suas dúvidas com o avô de um deles que sabe tudo da vida do famoso industrial que viveu em Juiz de Fora e é na casa desse avô que os meninos aprendem sobre a vida desse grande benfeitor da cidade.

Esta história, por meio de recordações do velho senhor, conta fatos da vida de Bernardo Mascarenhas desde que montou sua fábrica de tecidos no Cedro, depois a trouxe para Juiz de Fora, assim como trouxe também a energia elétrica e colocou os motores

elétricos funcionando nas fábricas. Lembra que Bernardo foi diretor do Banco de Crédito Real, ajudou a fundar a Academia de Comércio e muito mais.

Os quadrinhos relatam a sua vida, as obras realizadas por Bernardo, a sua morte, os monumentos em sua honra, enfim, um rápido resumo de todo o trabalho que esse homem semeou durante toda a sua vida.

Questões a observar na História 1

Logo no início da primeira história, no primeiro quadro, pode-se observar no passeio do garoto Bernardinho, a Av. Getúlio Vargas e o prédio do CCBM, a antiga fábrica de tecidos de Bernardo Mascarenhas.

Na página 2, observar nas falas dos dois garotos que eles tratam do “Mauá de Minas”, ou seja, Bernardo Mascarenhas, que com inteligência, coragem e muito trabalho trouxe a primeira hidrelétrica para o Brasil.

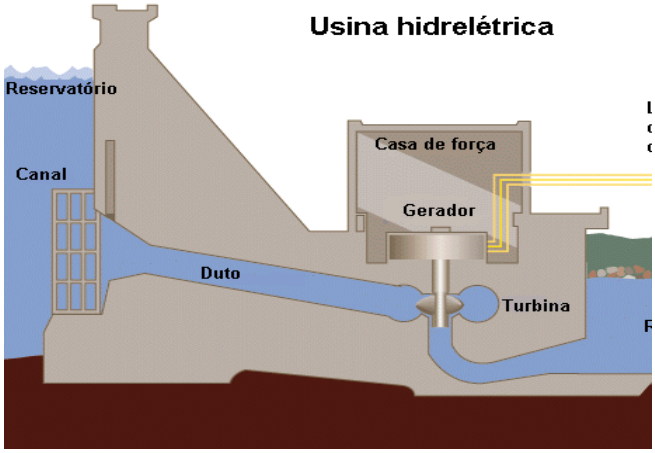
- Quem foi Bernardo Mascarenhas?

Bernardo Mascarenhas nasceu em 1846, na região de Curvelo, filho de Antônio Gonçalves da Silva Mascarenhas e de Policena Moreira da Silva Mascarenhas, o casal Mascarenhas teve no total treze filhos. Quando adulto Bernardo Mascarenhas mudou-se para

- O que é uma Usina Hidrelétrica?

Juiz de Fora e adquiriu o terreno próximo do Rio Paraibuna e da Rodovia União Indústria, onde pretendia montar uma fábrica têxtil. Neste local mais tarde seria erguida a 1ª Usina Hidrelétrica da América do Sul. O empresário adquiriu outro terreno perto da Estação Ferroviária onde, de fato, construiu sua fábrica.

Bernardo Mascarenhas, buscando outras fontes de energia – já que a energia usada até então era à base de querosene – implementa a geração de energia elétrica, uma nova fonte de energia ecologicamente favorável ao meio ambiente, pois era gerada através da força das águas. Além de atender às suas máquinas, ele atenderia à iluminação pública da cidade. Obteve, posteriormente, junto à Câmara Municipal, o contrato para a iluminação elétrica da cidade.



Uma **usina hidrelétrica** é um complexo arquitetônico, um conjunto de obras e de equipamentos, que tem por finalidade produzir energia elétrica através do aproveitamento do potencial hidráulico existente em um rio.

1. A barragem da usina represa a água do rio, formando um grande lago.
2. Em seguida a água atravessa a barragem, através de aberturas especiais, onde estão as máquinas.
3. Essa água aciona as turbinas, produzindo uma forma de energia chamada hidráulica.
4. Nos geradores, essa energia é transformada em energia elétrica para ser transmitida através de redes de alta tensão.
5. Tudo numa hidrelétrica é controlado por equipamentos especiais, que garantem o seu funcionamento**.**

Dentre os países que usam essa forma de se obter energia, o Brasil se encontra apenas atrás do Canadá e dos Estados Unidos, sendo, portanto, o terceiro maior do mundo em potencial hidrelétrico.
Algumas das maiores usinas brasileiras[1]:

Usina de Itaipu	12600 MW
Usina de tucuruí	8000 MW
Usina de Ilha Solteira	3444 MW
Usinas de Paulo Afonso I-II-III-IV	2462 MW
Usina de Jupiá	1551 MW
Usina de Serra da Mesa	1275 MW
Usina de Furnas	1216 MW

- Qual foi a usina que Bernardo Mascarenhas construiu em Juiz de Fora?

Usina de Marmelos.

Usina de Marmelos

[1] CREDER, Hélio. **Instalações elétricas**. 15.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

Primeira Usina hidrelétrica da América do Sul inaugurada em 1889, na cidade de Juiz de Fora. Foi construída por iniciativa de Bernardo Mascarenhas que desejava utilizar energia hidrelétrica em sua fábrica (Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas) e na iluminação da cidade.

Edificação singela está implantada em nível abaixo da Estrada União e Indústria (atual BR-267). Suas paredes foram edificadas com alvenaria de tijolos maciços aparentes, sobre embasamento de pedra, sendo vazadas por vãos com vergas em arcos abatidos em sequência ritmada. A cobertura de duas águas é recoberta por telhas francesas e tem os beirais ornamentados por lambrequim. Uma pequena torre de seção quadrada e telhado de quatro águas, marca a construção.

A Usina de Marmelos Zero está estrategicamente localizada próxima ao núcleo urbano, apenas seis quilômetros do centro de Juiz de Fora, na Zona da Mata, inserida numa encosta íngreme, marco da engenharia no Brasil no século XIX e a Estrada de Ferro Pedro II. A Usina, considerada primeira Hidrelétrica da América do Sul, foi inaugurada em 5 de setembro de 1889.

O prédio transformou-se no Museu da Usina de Marmelos e tem os bens e o acervo cuidado pela Universidade Federal de Juiz de Fora através de um convênio assinado entre esta instituição e a Cemig.

Usina de Marmelos

Para entender melhor:

Reportagem do jornal Tribuna de Minas: **Luzes, indústria e muita diversão**

“O quinto lote de cartões postais distribuídos pela Tribuna hoje destaca um marco histórico do pioneirismo de Juiz de Fora: a primeira usina hidrelétrica da América do Sul, inaugurada em 1889 por iniciativa do industrial Bernardo Mascarenhas. O dinâmico empreendedor percebeu o potencial motriz da Cachoeira de Marmelos, na antiga estrada para Matias Barbosa. Adquiriu então um amplo terreno em torno da queda d'água e iniciou os contatos políticos para obter a concessão do serviço, que acionaria, não apenas as máquinas de sua indústria têxtil, como também substituiria os ultrapassados lampiões de querosene que mal iluminavam as ruas da cidade.

Em janeiro de 1888, foi fundada a Companhia Mineira de Eletricidade, tendo como principais acionistas Bernardo Mascarenhas e seus irmãos. A construção da usina teve início em março daquele ano, com direito a festa e salva de dez tiros de dinamite. A novidade tecnológica amedrontou muita gente, que temia morrer fulminada por choques elétricos e acreditava que a corrente poderia interferir nos fios telefônicos. Bernardo Mascarenhas teve que recorrer a todo seu prestígio para

tranquilizar a população de que tais riscos não existiam. Por fim, a iluminação elétrica foi inaugurada com muita festa nas ruas, enfeitadas especialmente para o grande evento, com participação de bandas e baile".

Companhia Mineira de Eletricidade

Na página 4 é citada a expressão "Manchester Mineira".

- Porque Juiz de Fora foi considerada a "Manchester Mineira"?

Juiz de Fora foi considerada a "Manchester Mineira" na indústria têxtil em Minas Gerais. Este título se deve a uma cidade na Inglaterra onde se fabricavam maquinários para tecidos e foi uma alusão ao importante centro industrial inglês. Pelo seu desenvolvimento industrial, destacando-se no ramo têxtil, consideravam Juiz de Fora como uma réplica da Manchester original. A industrialização de Juiz de Fora também estava associada aos bondes de tração animal (1885), telégrafo (1884), telefone (1883), água a domicílio (1885), energia elétrica e iluminação pública (1889), Banco Territorial e Mercantil de Minas Gerais (1887) e Banco de Crédito Real de Minas Gerais (1889).

- Como eram os tecidos das indústrias daquele tempo?[2]

A fábrica da Cedro e Cachoeira[3] que está localizada em Caetanópolis, mantém um museu têxtil, onde está guardado tudo sobre a indústria têxtil antiga. Alguns tecidos e padrões de cores, fabricação da Cedro, são mostrados abaixo:

[2] As imagens a seguir foram extraídas do blog sobre moda (Em visita a Cedro). São permitidas fotos dentro do museu. http://fashionkillsme.wordpress.com/2009/05/20/visita-a-cedro-cachoeira/

[3] Site da fábrica Cedro e Cachoeira: http://www.cedro.ind.br/br/institucional/empresa.asp

Catálogos de tecidos usados pelos mascates, que vendiam artigos de fazenda em fazenda.

- Sobre a Cedro e Cachoeira

Com mais de 130 anos de tradição, a Cedro é uma das principais empresas têxteis do país, com capital 100% brasileiro e produção de 168 milhões de metros quadrados de tecidos por ano. Os principais produtos são denims, brins e telas, que compõem o mix tanto na linha Moda quanto na linha Profissional e nos Tecidos Técnicos. Sediada em Belo Horizonte, a empresa gera cerca de três mil postos de trabalho, nas quatro fábricas localizadas nas cidades de Sete Lagoas, Caetanópolis e Pirapora.

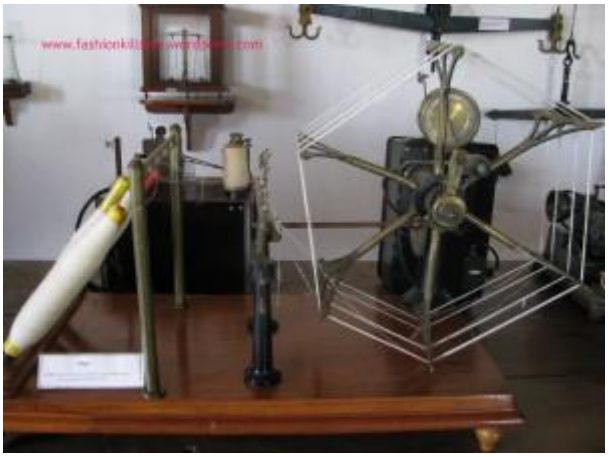
- Sobre o Museu da Cedro

Museu Têxtil Décio Mascarenhas

Mantido pela Companhia Cedro e Cachoeira *(*em Caetanópolis-MG). Funciona desde 1983 com um acervo de mais de 1.000 peças. É o mais completo museu têxtil do País. A Cedro foi a primeira fábrica brasileira a produzir chita em escala industrial. No museu da Cedro, além de objetos relativos a tecelagem, existe outros que contam a história da empresa, desde maquinário antigo, telefones antigos, documentos e outros.

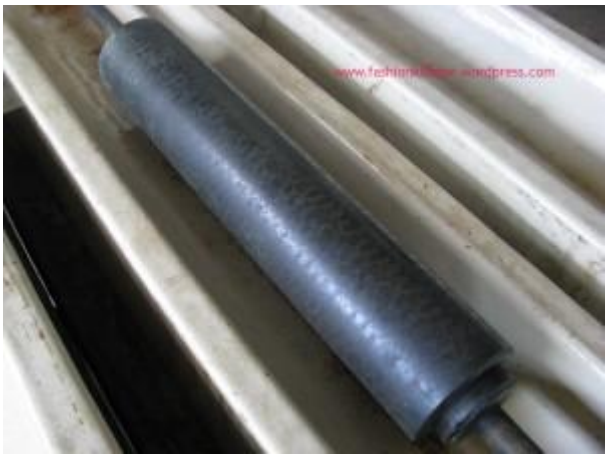
Museu Têxtil Décio M. Mascarenhas[4]

[4] Todas estas imagens foram extraídas do blog: http://fashionkillsme.wordpress.com/2009/05/20/visita-a-cedro-cachoeira/



A máquina da direita era chamada de Diabinha: a primeira máquina de separar algodão, chamada assim porque decepava os dedos dos trabalhadores.

Rolo para impressão de estampas



O crochê que decora a toalha é em forma de engrenagem. A toalha era usada nas missas que aconteciam no pátio da fábrica.

Na página 7 pode-se observar a preocupação de Bernardo com os operários das fábricas.

- O que Bernardo fez para os operários?

Com meio século de antecedência, Bernardo criou um sistema de previdência social, garantindo aos operários a independência na velhice e ainda fez escolas para todos!! E ainda queria ensinar os operários a lidar com as próprias máquinas para não ficarem reféns dos técnicos que vinham do exterior! Ele já pensava, sem saber, em ensino profissionalizante! Era uma política social incompreensível para a época, onde ainda prevalecia o trabalho escravo.

"[...] lutara para a criação, em benefício deles, da Caixa Econômica, cuja finalidade era a formação do pecúlio que lhes trouxesse segurança e tranquilidade na velhice e na invalidez. Criara escolas noturnas nas fábricas para que seus filhos tivessem a possibilidade de se alfabetizarem [...]"[5].

"Aí está, em traços largos, delineada uma política social realmente incompreensível para a época, onde ainda prevalecia o trabalho escravo. A formação de operário habilitado, o processo de incentivo pela concessão de prêmios progressivos, a Caixa Econômica com funções de Caixa de Aposentadoria, o próprio desconto em folha mensal para a formação do pecúlio [...] tudo isso indica que já no ano de 1884 ele procurava elevar o padrão de vida do operariado [...]"[6].

"Há nas fábricas escolas noturnas para os operários de ambos os sexos que são freqüentadas por 60 meninos e 27 meninas [...] A preocupação de Bernardo com o operariado, seu bem-estar, sua instrução, irá acompanhá-lo sempre."[7]

A alfabetização era vital para a qualificação do operário, principalmente para a formação de futuros técnicos nacionais. Saber ler, escrever e fazer as quatro operações eram condições fundamentais para o exercício de algumas funções, notadamente as técnicas, as de controles e as de chefias. A escola, portanto, exerceu um papel decisivo para o aperfeiçoamento técnico e social do operário.

Na página 8 o avô de Gabriel chama Bernardo de "pardal do sertão", vejamos por que.

Quando Bernardo demonstrou vontade de trazer a sua fábrica para Juiz de Fora, houve quem dissesse: - "Vamos ver o que o *pardal do sertão* vai conseguir no meio dos canários da cidade". Esse comentário era porque Bernardo fazia muito sucesso entre a gente simples do sertão e as pessoas duvidavam que ele alcançasse o mesmo sucesso numa cidade maior e mais adiantada. Em uma carta enviada ao irmão Caetano em 17 de agosto de 1887, Bernardo diz: *"Espero em Deus que o humilde pardal do sertão não fará papel triste aqui na terra dos canários e nem voltará para sua terra quebrado a mendigar empregos como alguém vaticinou".*

Alguns anos depois, estavam desmentidos os prognósticos amargos. O "pardal do sertão" merecia o respeito e a admiração dos "canários da cidade" e até dos da Côrte, que lhe davam o nome às ruas e o queriam fazer visconde.

---

[5] MASCARENHAS, Nelson Lage. Bernardo Mascarenhas: o surto industrial de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora Ltda. p. 103.
[6] Idem. p. 76.
[7] Idem. p. 76-77.

E assim, ficou a partir daí conhecido como o “Bernardo de Juiz de Fora”.

Aquarela de Rose Valverde – Pardal do sertão

Esta aquarela de Rose Valverde foi feita para a exposição um “palmo de arte”, da Confraria de Arte no Fórum da Cultura por ocasião dos 122 anos da energia elétrica em Juiz de Fora, no dia 5 de setembro.

Rose Valverde – Teia/Tear - os sonhos de Bernardo

Para essa mesma exposição Rose também pintou outra aquarela, “Teia/Tear – os sonhos de Bernardo.

Embalado por seus sonhos embaixo das árvores da Fazenda de São Sabastião, Bernardo iniciou seus devaneios. Vendo as teias que as aranhas teciam nas copas das árvores formando suas tramas ele tecia seus planos. Assim como essas teias Bernardo veio mais tarde tecer seus fios e produzir os tecidos, nos quais envolveria seus projetos concretizados.

HISTÓRIA 2

A PASSAGEM SECRETA

RESUMO DA HISTÓRIA

Esta história começa numa sala de aula no CEM, Centro de Educação de Jovens e Adultos no prolongamento do Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, na Av. Getúlio Vargas, centro de Juiz de Fora. Neste espaço, anos atrás funcionava um depósito e varejo da Fábrica de Tecidos de Bernardo Mascarenhas.

Depois de uma conversa intrigante com seus alunos sobre a existência de um fantasma que perambulava pelo espaço Mascarenhas, a professora Rose, personagem da história, fica até mais tarde no CEM para organizar uma 'Mostra de Arte' que iria acontecer. Depois de algum tempo trabalhando, a maioria do pessoal que ajudava foi embora e só permaneceram na sala, os professores Gabriel e João e a Rose, que são os personagens principais desses quadrinhos.

Depois de ouvirem um barulho estranho eles decidem ir verificar se existe a tal passagem secreta entre o prédio do CEM e o prédio do espaço Mascarenhas. Mesmo duvidando da existência de um fantasma eles ficam com muito medo e a história se desenrola entre sustos de portas que batem sozinhas, barulhos assustadores, escadas antigas, escuridão e finalmente, a descoberta de um túnel real, talvez feito por escravos para transportar mercadorias entre um prédio e outro.

Durante a caminhada pelo túnel escuro e gelado deparam-se com um homem negro que lhes indica o caminho da saída e após correrem para a porta olham para trás e percebem que não tinha ninguém lá. Todos têm a impressão que o tal fantasma apenas queria que eles soubessem que existia sim a passagem secreta. Comentam sobre o que aconteceu com os outros professores e decidem escrever mais sobre o assunto e desenhar uma história em quadrinhos.

Questões a observar na história 2

- A história é fictícia ou verdadeira?

A história é fictícia. A autora a criou a partir de uma conversa com a proponente do projeto que teria ouvido falar de um fantasma que diziam existir pela escola onde leciona. Surge então a ideia de escrever uma história em quadrinhos.

- Onde se passa a 2ª história?

A história começa no CEM, prolongamento do CCBM (Centro Cultural Bernardo Mascarenhas), na Avenida Getúlio Vargas, centro de Juiz de Fora, espaço onde, anos atrás, funcionava um depósito e varejo da Fábrica de Tecidos Bernardo Mascarenhas. O endereço do CEM é Travessa Dr. Prisco, nº 57, Juiz de Fora, MG.

- O que é o CEM?

O CEM – Centro de Educação de Jovens e Adultos Dr. Geraldo Moutinho é uma escola da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora. O objetivo do CEM é estimular o crescimento profissional e pessoal, além de garantir mão-de-obra qualificada em Juiz de Fora. São oferecidas diversas vagas dentre as quais estão o ensino profissionalizante para jovens e adultos acima de 16 anos, oficinas para maiores de 12 anos e ensino de 1ª a 8ª série.

Os cursos para formação profissional são: Costura industrial e desenho de moda, informática básica e digitação.

As oficinas são nas áreas de teatro, violão e teclado, dança, espanhol, vôlei, futsal, basquete, handbol, desenho em quadrinhos, desenho artístico, inglês e libras.

A educação básica para jovens e adultos deve respeitar o critério idade mínima, onde interessados em cursar entre a 1ª e 4ª série precisam ter 12 anos e, para cursar entre a 5ª e 8ª série, o interessado deve ter, no mínimo, 14 anos.

no fundo, à esquerda, o CEM, que era parte da Fábrica Mascarenhas

CEM

Sala de aula no CEM

Sala de aula no CEM

Festa junina no CEM

Exposição de desenhos de alunos no CEM

Exposição de desenhos no CEM

HISTÓRIA 3

A conquista
Início do CCBM

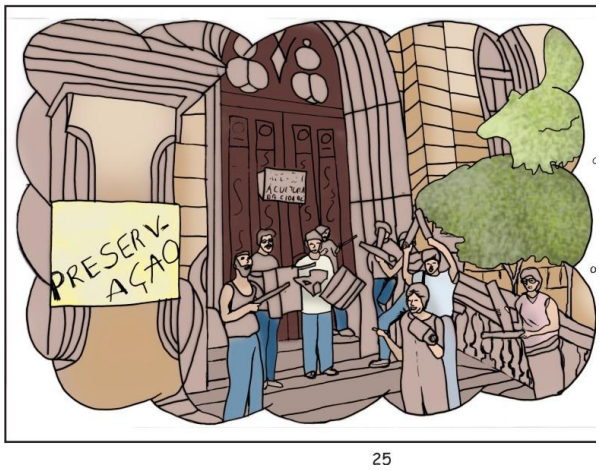
RESUMO DA HISTÓRIA

Esta história faz um paralelo entre o presente e o passado. As personagens da história passam dos tempos de jovens para tempos atuais. A artista plástica Nívea Bracher e seus amigos contam como foi o início da história da transformação da antiga fábrica de tecidos Mascarenhas em centro cultural, o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas – CCBM. Nívea sempre apoiou movimentos para preservar as construções antigas de Juiz de Fora e participava sempre das manifestações nesse sentido. Naquela época várias demolições foram feitas para a construção de prédios modernos.

A preocupação dos artistas da época em preservar os espaços públicos os levou a fazer uma mobilização para preservar o espaço Mascarenhas, antiga Fábrica Mascarenhas, que estava abandonado e sem utilidade. Saíram todos os artistas e pessoas participantes, como um bloco nas ruas, carregando faixas com os dizeres 'Mascarenhas, meu amor', dando início a campanha para transformar a fábrica no atual CCBM. Nos quadrinhos vários nomes são citados de pessoas que lutaram pelo espaço cultural, desde pessoas simpatizantes da causa, artistas e até políticos.

Entre um comentário das personagens de antigamente e outras falas de personagens atuais, a história vai se desenrolando, sempre visando a preservação dos bens culturais da cidade até o tombamento do espaço da fábrica que passou a ser Centro Cultural Bernardo Mascarenhas. Abaixo, algumas fotos de 1983, quando houve a caminhada pela cultura e pela criação do CCBM e fotos dos movimentos de preservação da Capela Galeria de Arte.

Capela Galeria de Arte



Participar do Passeio Cultural em direção aos pavilhões da Fábrica Mascarenhas, neste sábado, às 11 horas, representa importante participação neste saudável movimento que objetiva a recuperação daquele belo monumento arquitetônico, assim como a sua utilização como centro gerador e irradiador de cultura.

Juntos, nesta memorável jornada, estarão Pedro Nava, Rachel Jardim, Fernando Gabeira, José Rubem Fonseca, Ruth Bueno, Guima, Carlos, Fanny e Décio Bracher, Affonso Romano de Sant'Anna e, certamente, todos os demais juizforanos interessados na preservação da memória arquitetônica e cultural da cidade.

Saída neste sábado, 11 horas, da parte alta da rua São João.

Apoio

TRIBUNA DE MINAS

Artistas fazem passeata pró B.Mascarenhas

Escritores, artistas, intelectuais, professores e entidades artísticas do município diretamente envolvidas na Campanha Pró-Bernardo Mascarenhas, farão hoje, às 11 horas, uma passeata pelo centro da cidade. A manifestação tem como objetivo fazer com que as pessoas parem para ver a sua própria cidade no sentido de avaliarem as transformações que a mesma vem sofrendo, dando ênfase à preservação do que ainda resta do patrimônio histórico, cultural e arquitetônico de Juiz de Fora.

A promoção é do Espaço Cultural e a caminhada terá como ponto de partida a rua São João, 357, seguindo para a avenida Getúlio Vargas, passando em frente à Fábrica Bernardo Mascarenhas, Paulo de Frontin, Praça da Estação, calçadão da Halfeld e Parque Halfeld, onde acontecerão algumas manifestações culturais, como poesia, música, entre outras. Para a caminhada estão previstas as presenças de Fernando Gabeira, Pedro Nava, Affonso Romano Sant'Anna, Rachel Jardim, Décio Bracher, entre outras.

Do ponto de vista da campanha, a caminhada tem por objetivo trazer repercussão nacional e através da imprensa criar um maior espaço no sentido de conscientizar a comunidade da importância de se ter um Centro Cultural em Juiz de Fora. Às 15 horas, será realizada, no Espaço Cultural, uma mesa-redonda sobre o tema "O Artista e a cidade", onde a entidade espera contar com as presenças de Fernando Gabeira, Pedro Nava, Rachel Jardim, Affonso Romano Sant'Anna, além da pintora Nívea Bracher para os debates. O debate será gravado pelo Museu da Imagem e do Som e durante o passeio que será filmado, algumas pessoas estarão vestidas com roupas típicas da década de 30, munidas de cartazes e faixas, além da presença de uma banda de música.

A Funalfa está dando todo o apoio à Campanha e à caminhada, custeando a vinda de algumas personalidades juizforanas que moram em outras cidades, como Pedro Nava, Rachel Jardim e outros.

Estes jornais antigos (Tribuna de Minas - 1983) pertencem ao acervo de Rogério Teixeira.

Questões a observar na história 3

- O que é o CCBM?

O CCBM é o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas. Símbolo do pioneirismo industrial, a antiga fábrica de tecidos Bernardo Mascarenhas, graças à mobilização de artistas, escritores e jornalistas, foi transformada, em 1987, em um amplo centro cultural. Seguindo a proposta inicial o espaço abre suas portas para as diferentes manifestações artísticas e culturais de Juiz de Fora e região. Capoeira, percussão, oficinas, palestras, reuniões, teatro e shows musicais, sem esquecer a eclética mostra de exposições.

Inserido na lista dos patrimônios mais populares do município, o Centro Cultural oferece à comunidade galerias de arte, anfiteatro, videoteca e salas de aula, além de corredores para realização de eventos. Seria de grande interesse que os alunos conhecessem o CCBM.

- Como é ocupado o Espaço CCBM?

Dinâmica de Ocupação

A utilização das galerias e da sala de encenação é aberta a artistas em geral através de processo seletivo semestral. Os interessados devem preencher ficha própria e anexar o material solicitado para concorrer aos espaços. A Galeria Arlindo Daibert é reservada para propostas da Funalfa[8] ou convidados. A seleção cabe a uma comissão designada pela Funalfa, que inclui artistas, críticos e conhecedores de arte. No caso dos ateliês, o Centro utiliza duas políticas de ocupação. A própria instituição pode propor cursos ou promovê-los em parceria com algum outro proponente. No último caso, parte da renda será revertida para o Centro, para fins de manutenção do espaço. Os cursos devem ser oferecidos a preços populares.

[8] FUNALFA – Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage.

Galeria Arlindo Daibert

Galeria Arlindo Daibert - Arlindo Daibert nasceu em Juiz de Fora em 12 de agosto de 1952. Importante artista plástico brasileiro, um dos mais destacados de sua geração, Arlindo Daibert teve intensa atuação, deixando uma vasta, bela e significativa obra. Entre desenhos, pinturas, objetos, colagens, gravuras, sua produção revela, junto com uma excepcional maestria e uma vigorosa concepção, um sentido aguçado de renovação, de pesquisa, de reflexão, de ensaio, de intervenção. Ao mesmo tempo, Arlindo Daibert escreveu muito, num empenho constante de discutir e examinar tanto seu próprio trabalho e o de seus contemporâneos quanto questões mais amplas, como a relação entre as artes plásticas e literatura, presente em vários momentos de sua prática. Realizou inúmeras exposições, com várias premiações, possuindo trabalhos em museus nacionais e internacionais e em coleções particulares. Faleceu em Juiz de Fora, em 28 de agosto de 1993.

Galeria Celina Bracher

Galeria Celina Bracher – Celina Bracher Nasceu em Belo Horizonte, em 27 de março de 1934 e, em 1940, mudou-se com a família para Juiz de Fora. Cursou História na Faculdade de Filosofia e Letras (FAFILE). De 1962 a 1964 participou, com premiação, de Festivais de Arte e Salões Universitários em Belo Horizonte e Juiz de Fora. Dotada de talento, sensibilidade, liderança e personalidade marcante, Celina influenciou profundamente a cultura de Juiz de Fora. Deixou poucas obras em pintura, mas imprimiu sua marca nas artes, tanto que, em 1965, em sua memória, foi fundada a primeira galeria de arte de Juiz de Fora em moldes profissionais, a Galeria de Arte Celina, espaço humano de convivência artística, verdadeiro centro cultural em sua homenagem. Faleceu prematuramente em 7 de março de 1965.

Galeria Heitor de Alencar

Galeria Heitor de Alencar - Heitor de Alencar, nascido em Sete Lagoas (26/10/1908), realizou em Juiz de Fora uma das mais expressivas produções artísticas de Minas. Tendo como mestre Angelo Biggi, estudou e aprimorou sua técnica com Edson Mota e Aldo Malagoli. Foi um dos fundadores do Núcleo de Belas Artes Antônio Parreiras que, no início dos anos 40, passou a se chamar Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras. A paisagem sempre esteve presente na obra de Heitor de Alencar como um desafio e uma sedução. O artista procurava fazer, em suas telas, uma interpretação da natureza, sintetizando o que mais interessava, sem se prender aos detalhes: com pinceladas densas e lançando mão de vários tons, Heitor de Alencar quase que dissolvia o desenho em manchas de cor, articulando uma pintura simples e direta à busca de uma arte nova, de uma nova postura, coerentes com o seu tempo e sua vida. Faleceu aos 80 anos, em 2 de maio de 1989.

Espaço Alternativo

Espaço Alternativo – criado com o objetivo de ampliar os espaços destinados a atividades culturais no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, esta área, situada ao redor dos ateliês, reúne três corredores e é reservada para propostas da Funalfa ou de convidados.

Sala de Encenação Flávio Márcio

Flávio Márcio Vieira Salim nasceu em Juiz de Fora, no dia 5 de março de 1944 e faleceu prematuramente em 23 de maio de 1979, aos 35 anos, vítima de uma hemorragia depois de uma operação nas amígdalas. O dramaturgo, que também foi jornalista e publicitário, retratou com maestria os anos 70, transportando para os palcos a decadência ética e social, a crise da classe média, a censura e a tortura. Consagrou-se com o espetáculo Réveillon, dirigido por Paulo José, que tinha no elenco nomes como Iara Amaral, Sérgio Mamberti, Ênio Gonçalves, Mário Prata e Regina Duarte, que costuma afirmar que com a peça conseguiu livrar-se do estigma de "namoradinha do Brasil" e dar novo rumo à sua carreira.
O espetáculo estourou nas bilheterias e foi também sucesso de crítica. Na época, Sábato Magaldi escreveu no Jornal da Tarde: "Há muito tempo não tenho oportunidade de saudar um espetáculo tão irrestritamente como Réveillon. Texto, direção, desempenho, cenografia - tudo se funde numa obra homogênea e orgânica, de grande impacto. Senti uma angústia terrível, resgatada pela beleza da realização artística". Réveillon rendeu a Flávio Márcio o Prêmio Governador do Estado como melhor autor de teatro de 74, conferido pelo Governo Paulista, e o Prêmio de Melhor Espetáculo do Ano de 75, conferido pela Associação Paulista de Críticos de Arte. A partir daí, o sucesso no exterior estava garantido. A peça foi montada em diversos países da Europa, além de Nova Iorque e Buenos Aires.

Flávio Márcio escreveu ainda *In Memorian* (1966), À Moda da Casa (1972), Um Minutinho Só (1974), Pequeno Dicionário da Língua Feminina (especialmente para a televisão), O Homem que Viu o Disco Voador e Tiro ao Alvo (1978).

Observação: A utilização da ***Sala de Encenação Flávio Márcio*** é aberta à música, às artes cênicas e a outros eventos em dois editais, um para o primeiro semestre e outro para o segundo semestre. A comissão julgadora é composta pelo Superintendente da Funalfa, o Diretor do CCBM, a Administradora do CCBM, dois artistas da área de Música, dois artistas da área de DANÇA e dois artistas da área de TEATRO, indicados pela classe artística.

Videoteca Mascarenhas

Instalada no segundo andar do Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, a Videoteca Mascarenhas é um espaço opcional para lançamentos de vídeos, exibição de filmes, realizações de palestras e cursos. A sala tem 80 cadeiras que pertenciam ao extinto Cine-Paraíso, um cinema que marcou a história cultural de Juiz de Fora, sendo voltado para filmes de arte.

O CCBM fica na Av. Getúlio Vargas, 200 - Centro - Juiz de Fora - Minas Gerais. Outras informações podem ser obtidas pelos telefones (32) 3690-7051 e (32) 3690-7052.

HISTÓRIA 4

APENAS NOS PRESERVANDO

RESUMO DA HISTÓRIA

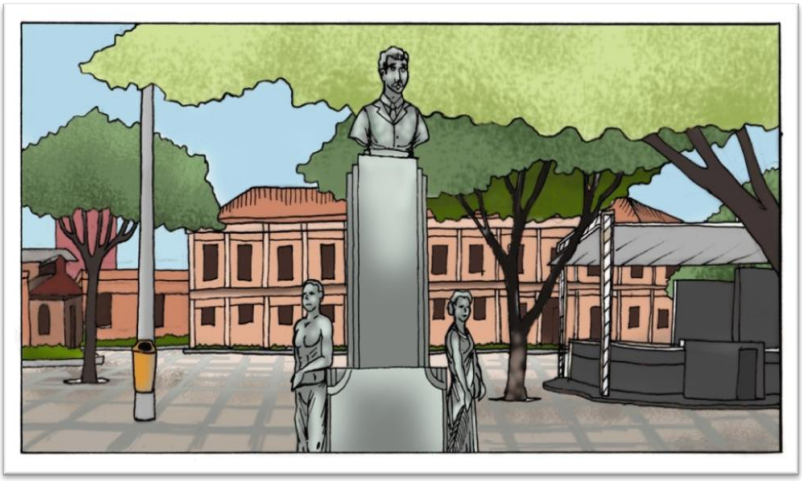
Esta história enfoca a Memória e Preservação. Através de uma história em quadrinhos buscou-se dialogar com o jovem e informar sobre o patrimônio histórico, arquitetônico, artístico e cultural de Juiz de Fora. As estátuas da história são o reflexo de ânsias e lutas pela preservação da identidade e memória de Juiz de Fora e do paradoxo que o progresso pode causar na identidade da cidade. Conscientização aliada à diversão.

Em uma ensolarada manhã de domingo, um mistério ronda Juiz de Fora: as estátuas do monumento a Bernardo Mascarenhas desaparecem. Apenas uma mensagem ‘pixada’ na base do monumento parece ser a pista derradeira para o sumiço: "Apenas nos preservando". Ao longe, as estátuas correm da depredação que sofrem. Insatisfeitas, entram em uma pequena jornada de reflexão e debate sobre sua função e preservação.

Questões a observar na história 4

- Quem está representado nas estátuas que correm e no busto que aparece no detalhe?

Na página inicial desta história aparecem um busto e duas estátuas. O busto é um monumento a Bernardo Mascarenhas, industrial que muito fez pela cidade de Juiz de Fora. As duas estátuas que correm, deixando ‘marcas de seu peso’ no asfalto representam os funcionários da antiga fábrica de tecidos Mascarenhas.



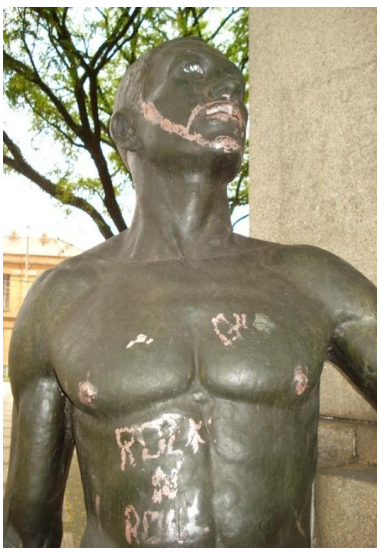
- Os monumentos em Juiz de Fora são preservados pela população?

Vamos ler uma notícia que saiu no jornal Tribuna de Minas em 10 de Agosto de 2011.

Vândalo picha monumentos na Praça Antônio Carlos

Estátua do operário teve unhas e mamilos pintados (Jornal Tribuna de Minas)

Um flagrante de desrespeito ao patrimônio público pode ser visto por quem passa pela Praça Presidente Antônio Carlos, no Centro de Juiz de Fora, onde estátuas foram alvo de vândalos. No monumento a Bernardo Mascarenhas, podem ser vistas diversas inscrições de nomes e apelidos. As imagens da fiandeira e do operário também foram atacadas. Na estátua feminina, os mamilos foram destacados com tinta branca, um órgão genital foi desenhado na altura do quadril e uma folha de maconha está gravada ao seu lado. Já no operário, além dos mamilos, foram pintadas as unhas. O crime de dano é previsto no artigo 163 do Código Penal e é agravado quando cometido contra o patrimônio da União, estado ou município. O autor pode pegar pena de detenção de seis meses a três anos, além de pagar multa.



É importante saber:

A escultura localizada no cruzamento da Av. Independência com a Rua Santo Antônio é uma representação da obra de Portinari, “O menino soltando pipa”.

Portinari[9] - Meninos Soltando Pipas.
Provavelmente é de 1943
Com 16 cm de altura por 11,5 cm de largura,
foi pintado com tinta a guache sobre papel.

Portinari - Meninos Soltando Papagaios – 1947- Tinta a óleo sobre madeira. Altura- 60,5 cm. Largura-73,5cm

Menino soltando pipa[10]
Escultura localizada no cruzamento da Av. Independência com a Rua Santo Antônio.

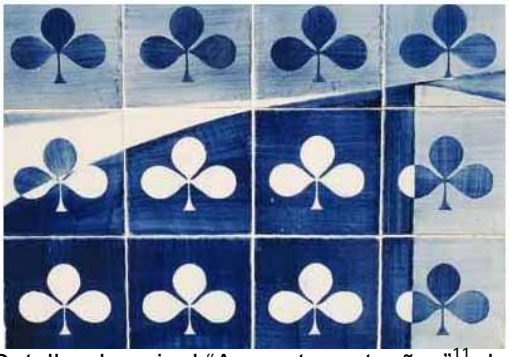
[9] Imagens dos quadros de Portinari e texto sobre o pintor extraídos de: OLIVEIRA SILVA, Sonia das Graças. **Infância, história e memória em Candido Portinari**. UFJF, 2010.
[10] Escultura do menino - http://contextostextosehipertextos.blogspot.com/

É um bom momento para o professor comentar sobre Portinari, famoso pintor brasileiro. Portinari nasceu em 30 de dezembro de 1903, em Brodósqui, estado de São Paulo e faleceu em 6 de fevereiro de 1962.

Portinari é o artista que apresenta o mais completo retrato do Brasil já feito até hoje. Sua obra apresenta a percepção da realidade social, da formação econômica, da história política do país e visão antropológica do homem brasileiro. As obras de Portinari também fazem um registro dos costumes, uma reinterpretação estética da herança indígena, manifestação do sentimento religioso da população e afirmação estética da arte nacional. Não apenas suas obras tornam-se referentes nas discussões da identidade nacional, como são primordiais no processo de identificação cultural do brasileiro.

O pintor foi o primeiro a retratar a saga dos trabalhadores brasileiros, oprimidos na lavoura das grandes fazendas do Estado de São Paulo. Retratou o homem e o seu trabalho na lavoura da cana, do café, do algodão e do garimpo, imortalizou na pintura o lavrador de café, o mestiço, a colona e a mulher na lida pelo Brasil afora. Assim como o operário das cidades, o estivador, o sorveteiro, o músico, mostrou também as festas de Brodósqui e os boêmios do Largo do Machado, no Rio de Janeiro. O artista também pintou cenas de sua infância, seus medos, suas curiosidades, de onde surgiram vários quadros frutos de suas observações quando menino e que ele trazia guardadas em sua memória

Na página 4 surge um comentário sobre o painel de Portinari chamado "As quatro estações".



Detalhe do painel "As quatro estações"[11] de Portinari – 1956

Painel de azulejos Portinari[12] - 435 x 795cm (painel)

Uma obra de arte de exatamente 4,48m de altura por 7,95m de largura, localizada no coração de Juiz de Fora. O tamanho impressiona, embora passe despercebido por muitos que transitam à sua frente todos os dias. "As Quatro Estações", do pintor brasileiro Cândido Portinari está localizado na esquina da Rua Halfeld com a Avenida Barão do Rio Branco.

O painel, datado de 1956, foi instalado na fachada do Edifício Clube Juiz de Fora, outro marco do modernismo na cidade, e encomendado pela Associação Civil do Clube Juiz Fora. O intuito era integrar arquitetura e artes plásticas, forte tendência dos anos 50.

Portinari criava os esboços a lápis e preparava as maquetes em tamanho reduzido. Em seguida, encaminhava seus desenhos a Osiarte, empresa que fabricava de forma artesanal a pintura dos azulejos em tamanho original.

"Quatro Estações" soma-se a outros 11 painéis em azulejo, formando um dos acervos a céu aberto mais impressionantes do país. Os outros painéis estão localizados pelo estado de Minas Gerais, no Rio de Janeiro ou ainda, um na França. As suas formas abstratas e curvilíneas passam a idéia de movimento. O azul e branco brincam coma idéia de positivo e negativo, fazendo com que nossos olhos corram por todo o painel.

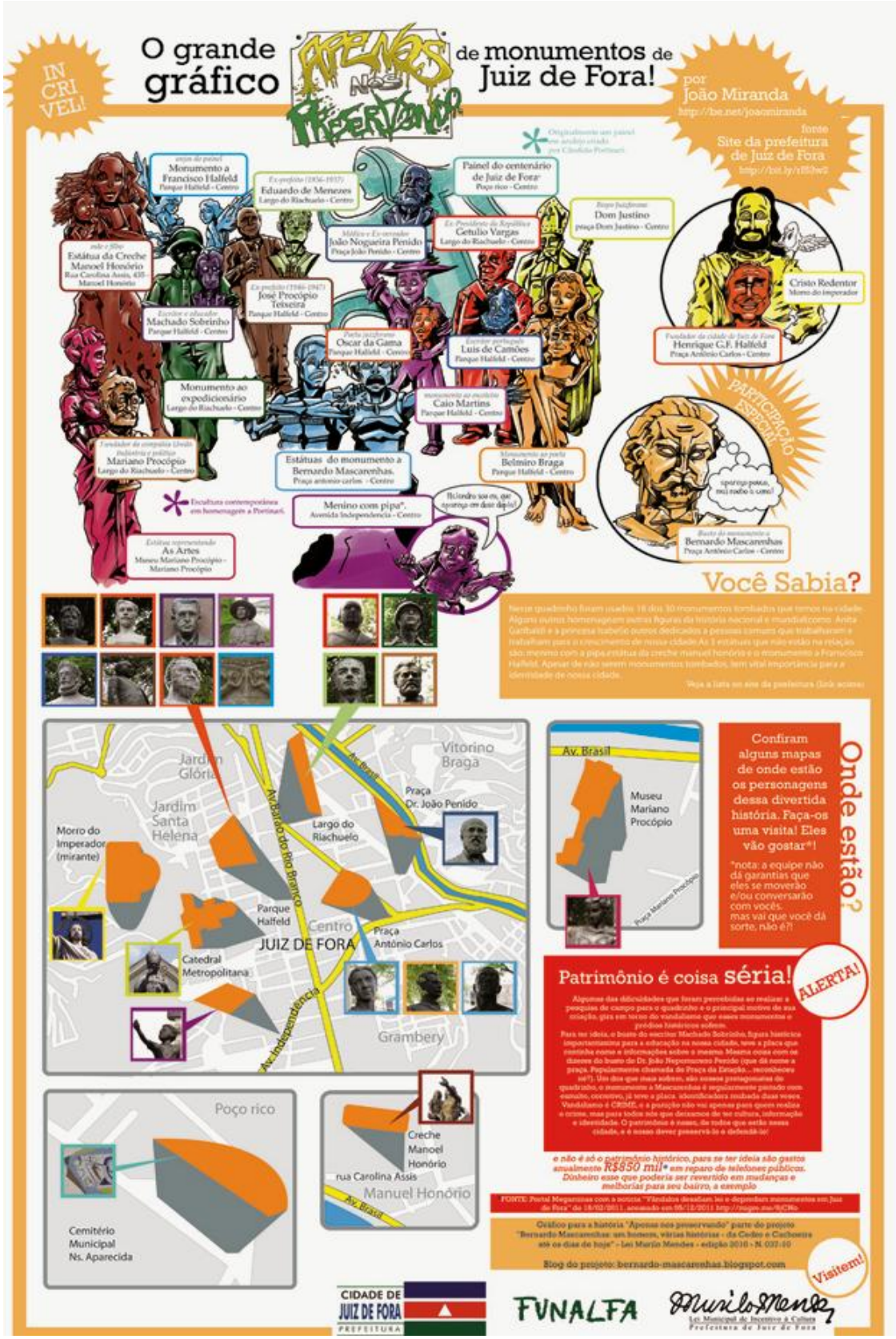
---

[11] http://contextostextosehipertextos.blogspot.com/

[12]http://www.acessa.com/turismo/arquivo/pontosturisticos/2007/09/14-portinari/

Entretanto, toda essa beleza acaba por não ser tão apreciada pelos moradores da cidade. Muitos afirmaram desconhecer ou passar rapidamente pela obra, não dando, assim, o seu real valor.

Abaixo os gráficos mostrando alguns dos monumentos de Juiz de Fora.



Painel criado por João Luiz de Souza Miranda

Painel criado por João Luiz de Souza Miranda

HISTÓRIA 5

RESUMO DA HISTÓRIA

Esta história busca fazer um levantamento de casos relativos ao processo de escravização do Negro em Juiz de Fora. Escravos trabalhando na Mascarenhas, áreas proibidas para negros em JF, preconceito e resgate da memória das famílias de descendência afro em Juiz de Fora. Enfoque sobre as raízes da população negra existente na cidade e sobre o aumento da autoestima dos afrodescendentes em nossa região.

Era o ano de 1889. Uma jovem negra tenta sobreviver em Juiz de Fora pós-abolição da escravatura. Entre grandes sofrimentos e pequenas alegrias, um sonho se apodera e inunda o coração da menina: trabalhar na Fábrica de Tecido Mascarenhas e, com isso, mudar de vida de vez. Sob o chamado do destino ela luta, será que triunfará?

Nessa trama, que alia a ficção e a realidade de muitos negros que viveram a caótica realidade da pós-abolição, procura-se mostrar o quanto a força dos negros (apesar de todas as dificuldades que lhes foram e ainda são impostas), foi vital para a construção da cidade. Sem fugir da luta e de suas origens, o quadrinho valoriza quem foram "Os braços de Juiz de Fora".

Questões a observar na história 5

- Como era a vida dos negros em meados de 1889?

Segundo relatos de descendentes de escravos, citados no Livro 'O Negro: Trabalho, sobrevivências e conquistas', de Rita de Cássia S. Felix Batista, somente a partir de 1930 o negro foi inserido no processo produtivo e reconhecidos seus direitos sociais. Durante 42 anos (1888 – 1930), os ex-cativos e seus descendentes ficaram à margem da sociedade, sofrendo preconceitos de toda ordem.

A autora, em sua pesquisa, colheu histórias de vida dos afrodescendentes que retratam bem a situação vivenciada em Juiz de Fora, conforme um trecho extraído da entrevista com Vó Nitinha:

"Ih... era difícil. Não dava serviço não. Eu mesmo ia pra porta da fábrica todo dia... Olhava pra uns, olhava pra outros e escolhia era só os branco mesmo. Era todo dia. Eu ia assim mesmo. Os negro não entrava não. Isso era lá pra os idos de 30. Eu era mocinha. Queria trabalhá e ia mesmo. Naquele tempo já tinha discriminação" (BATISTA, 2000, p. 108).

Outro exemplo está na fala de Seu Julião, filho de ex-escravo, um dos entrevistados do Livro Memórias de Cativeiro (MATTOS; RIOS, 2005, p.121-122), revela com nitidez o que foi ser livre sem ser livre de fato:

"O preto era o mais sacrificado do mundo, a cor preta era escravejada, ninguém gostava, tinha racismo, o preto não tinha valor pra nada... Depois que acabou o cativeiro ficou uns quarenta, cinqüenta anos naquela escravidão ainda, que nem onça... mas ainda batiam em algum, até matavam mesmo... Eu com idade de 14 anos estava capinando... trabalhando pros outros, passando mal, dormindo mal dormido, comendo mal comido... eu fui escravo do mundo... meu pai foi escravo de fazendeiro, eu fui escravo do mundo, sofri muito."

Abaixo um quadro de Velásquez que nos faz imaginar como era a fábrica de tecidos no seu interior, onde trabalhavam, na sua maioria mulheres brancas.

As imagens abaixo foram extraídas da Dissertação de Mestrado de Junia de Souza Lima.

As Fiandeiras, Diego Velásquez, 1657

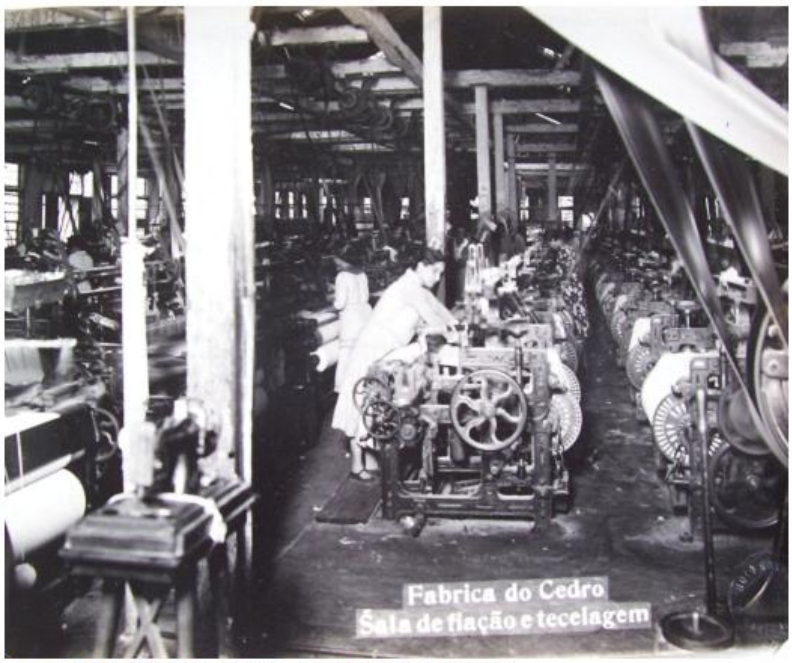


FIGURA 5 - Sala de fiação e tecelagem da Fábrica do Cedro
Fonte: Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas

FIGURA 3- Sala de Batedores da Fábrica do Cedro
Fonte: Museu têxtil Décio Magalhães Mascarenhas

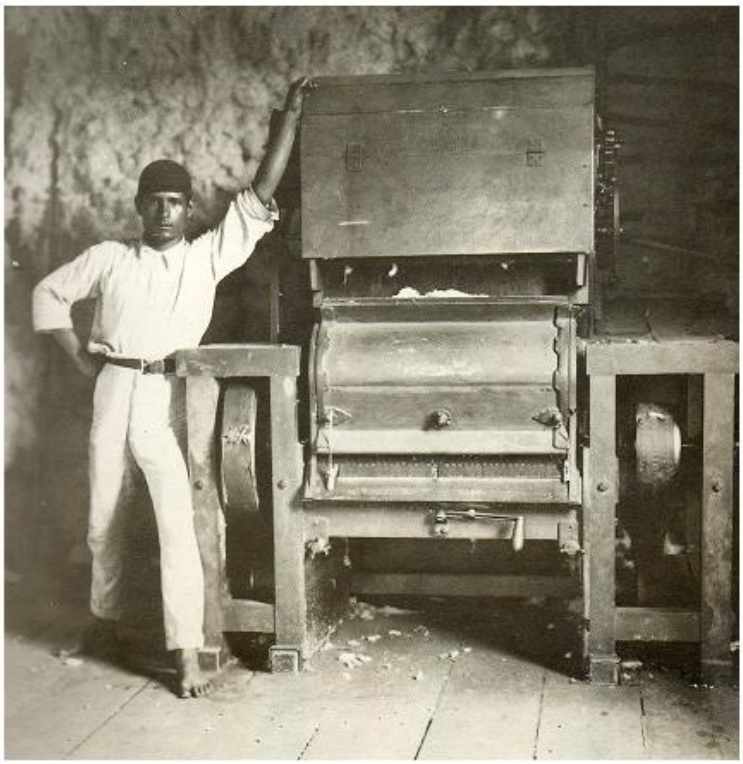


FIGURA 4-Descaroçador de algodão da Fábrica do Cedro
Fonte: Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas

FIGURA 6 - Fábrica do Cedro – Pessoal Operário
Fonte: Museu Têxtil Décio Magalhães Mascarenhas

Como se pode observar, a maioria dos funcionários eram mulheres e brancas.

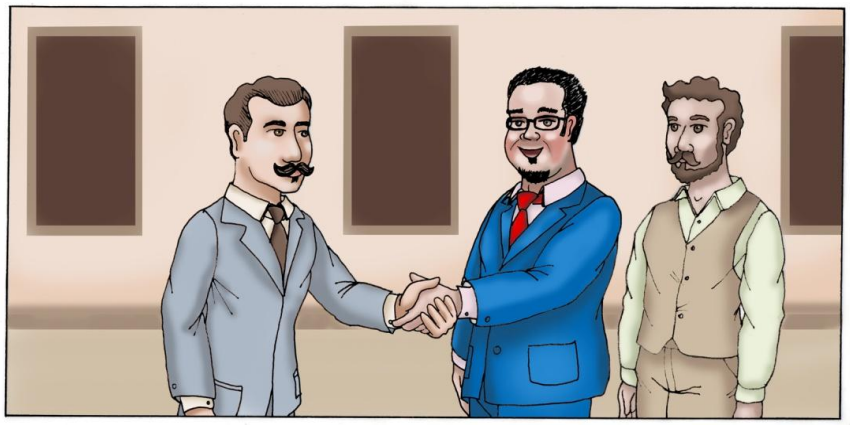
ALGUMAS CURIOSIDADES A DESTACAR QUE SURGIRAM NO DECORRER DAS PESQUISAS

1ª curiosidade[13]:

No dia 30/05/11 saiu uma reportagem no jornal Folha de São Paulo dizendo: “Americano faz campanha para ser figurante em HQs. O vendedor **Jeff Johnson**, 30, criou site para seu projeto e conseguiu ser desenhado 23 vezes em... cortado ao meio", escreve o quadrinista britânico Charlie Adlard, 44.

A equipe resolveu convidar Jeff para entrar na história 1 como personagem (pág. 9). Foi escrito um email e a resposta veio afirmativa. Então Jeff foi incluído na história. (Jeff é o americano de terno azul).

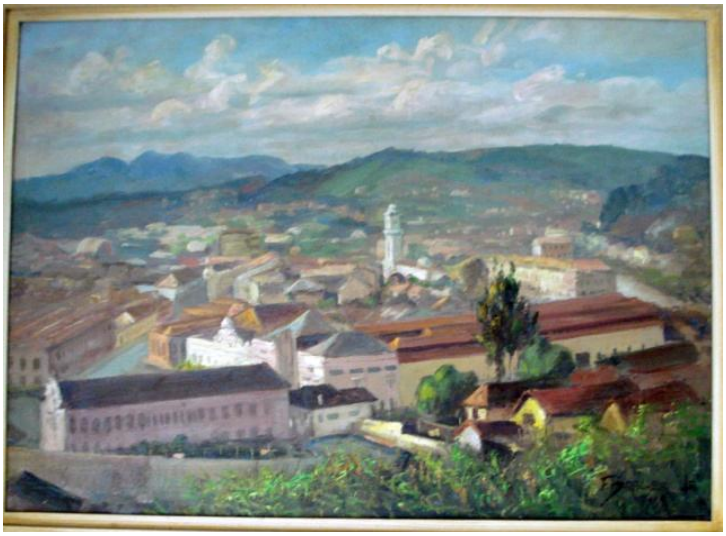
O site dele é: http://www.drawmein.com/ - drawmein@gmail.com



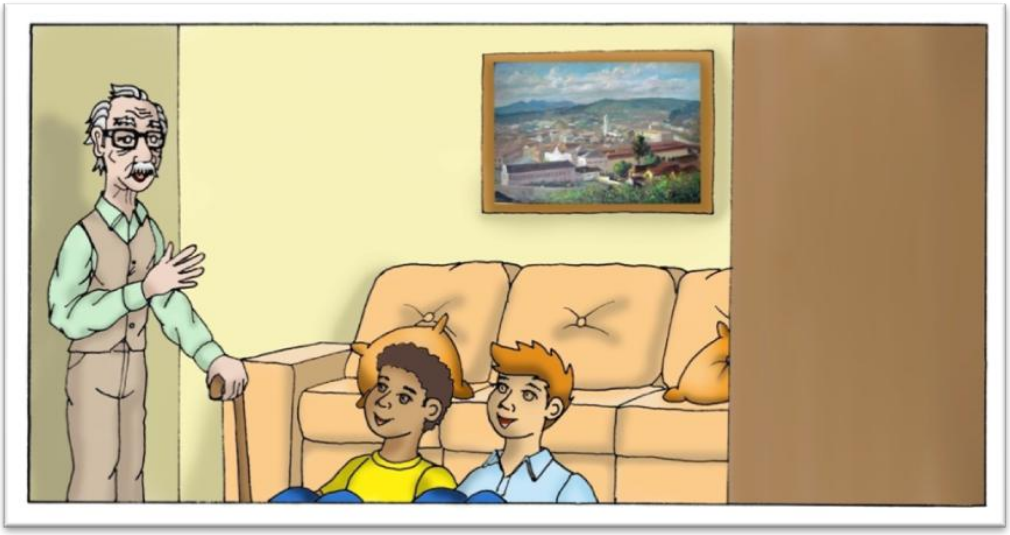
[13] http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3005201118.htm

2ª curiosidade:

Quadro pertencente ao cenário da residência do bisavô de Gabriel na pág. 7 foi pintado por Frederico Bracher.



Vista do Castelinho dos Bracher - Pintura de Frederico Bracher



Vista do Castelinho dos Bracher - Pintura de Frederico Bracher

Frederico Bracher - Nasceu no Rio de Janeiro em 1920 e faleceu em Belo Horizonte, em 1984. Pintor, desenhista e violinista, estudou pintura com Amilcar Agretti. Recebeu o Prêmio de Pintura do jornal Estado de Minas em 1938. Em 1939 transferiu-se para Montes Claros, MG, onde abriu uma escola de artes, para o ensino de pintura e música. Com outros músicos, fundou a Orquestra Filarmônica de Juiz de Fora e foi membro fundador da Associação de Artistas Plásticos de Minas Gerais. Expôs individualmente em vários estados brasileiros e em Tóquio, destacando-se: mostra no Núcleo São Lucas em Belo Horizonte (1935-36); Automóvel Clube de Montes Claros, MG (1937-56); Automóvel Clube de Belo Horizonte (1942/63/70); Galeria Minarte, BH (1964-65); Galeria de Arte Telemig, BH (1984); Palácio das Artes, BH (1986); Centro Cultural Pró-Música, Juiz de Fora (1986); MAC, Curitiba (1986); Fundação Cultural do Distrito Federal (1986); Centro Cultural Hermes de Paula, Montes Claros (1986); MASP (1986) e Museu Nacional de Belas Artes, RJ (1986). Participou da mostra coletiva *Emergência do Modernismo em Belo Horizonte*, realizada no Museu Mineiro (1996) e do Salão Municipal de Belo Horizonte (1937/1938). Possui obras no acervo do Museu Mineiro em Belo Horizonte e Museu Mariano Procópio em Juiz Fora.

3ª curiosidade:

Este quadro que faz parte do cenário da residência do avô de Gabriel, na pág. 8, na primeira história, foi pintado por Rose Valverde (proponente do projeto) durante a gincana realizada no CCBM, em 1989.

Visão Mascarenhas – Aquarela de Rose Valverde

4ª curiosidade:

Na inauguração dos motores elétricos da fábrica de Bernardo, foram servidos quitutes assados no forno elétrico. Primeira história, pág. 11.

Quitutes servidos na inauguração dos motores elétricos da fábrica.

A Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas, começou a funcionar em maio de 1888, com 60 teares ingleses, foi a primeira a utilizar um motor elétrico Westhinghouse no país, em 1898 e também pioneira ao instalar música ambiente em suas instalações, em 1932. À época da inauguração, os jornais e revistas do país destacaram o empreendimento, especialmente pelas características arquitetônicas do prédio, hoje importante complexo histórico-cultural de Juiz de Fora, referência da fase de industrialização mineira do início do século XX.[14]

[14]http://www.pjf.mg.gov.br/funalfa/ccbm/historico.php

As festividades foram encerradas com uma grande recepção, na qual foram servidos champanhe e outras bebidas, mas que teve em um fogão elétrico a grande atração, que se encontrava junto a mesa [...] com o respectivo forno, onde um confeiteiro, na presença dos circunstantes, assou bolinhos e biscoitos quase instantaneamente, sendo estes distribuídos e saboreados pelos espectadores da extraordinária festa. [...]. Nas oficinas os operários reunidos em torno de uma farta e variada merenda, davam expansão à alegria e ao entusiasmo.

5ª Curiosidade:

A cantora Clara Nunes trabalhou na CEDRO E CACHOEIRA.

CLARA NUNES
Caçula dos sete filhos do casal Manuel Ferreira de Araújo e Amélia Gonçalves Nunes, Clara Nunes nasceu no interior de Minas Gerais, no distrito de Cedro - à época pertencente ao município de Paraopeba e depois emancipado com o nome de Caetanópolis, onde viveu até aos 16 anos.

Marceneiro na fábrica de tecidos Cedro & Cachoeira, o pai de Clara era conhecido como Mané Serrador e também era violeiro e participante das festas de Folia de Reis. Mas Manuel morreu em 1944 e, pouco depois, Clara ficaria também órfã de mãe e acabaria sendo criada por sua irmã Dindinha (Maria Gonçalves) e o irmão José (conhecido como Zé Chilau). Naquela época, Clara participava de aulas de catecismo na matriz da Cruzada Eucarística. Lá também cantava ladainhas em latim no coro da igreja.

Segundo as suas próprias palavras, cresceu ouvindo Carmem Costa, Ângela Maria e, principalmente, Elizeth Cardoso e Dalva de Oliveira, das quais sempre teve muita influência, mantendo, no entanto, estilo próprio. Em 1952, ainda menina, Clara venceu seu primeiro concurso de canto organizado em sua cidade, interpretando “Recuerdos de Ypacaraí”. Como prêmio, ganhou um vestido azul. Aos 14 anos, Clara ingressou como tecelã na fábrica Cedro & Cachoeira, a mesma para o qual seu pai trabalhou. Teve que se mudar para Belo Horizonte, indo morar com a irmã Vicentina e o irmão Joaquim. Na capital mineira, Clara trabalhou como tecelã durante o dia e fez o curso normal à noite. Aos finais de semana, participava dos ensaios do Coral Renascença, na igreja do bairro onde morava. Naquela época, conheceu o violonista Jadir Ambrósio, conhecido por ter composto o hino do Cruzeiro. Admirado com a voz da jovem de 16 anos, Jadir levou Clara a vários programas de rádio, como “Degraus da Fama”, no qual ela se apresentou com o nome de Clara Francisca.

REFERÊNCIAS UTILIZADAS NO PROJETO E NA APOSTILA

. ALMEIDA, Patrícia Lage. **Elos de permanência:** o lazer como preservação da memória coletiva dos libertos e de seus descendentes em Juiz de fora no início do século XX. Juiz de Fora: EDUFJF, 2008.

. BARA, Patrícia Caetano Gattás & BARA, Guilherme Alvim Battás. **Juiz de Fora Um olhar no futuro**, Funalfa Edições, 2007.

. BARRETO, Ana Cláudia de Jesus. O lugar dos negros pobres na cidade: Estudo na área de risco do bairro Dom Bosco. **Revista Libertas**. Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Serviço Social. v. 10, n. 2, jul/dez. 2010. Juiz de Fora. p. 188-215.

. BATISTA, Rita de Cássia Souza Félix. **O Negro** – trabalho, sobrevivências e conquistas – Juiz de Fora (1888-1930), Funalfa Edições, 2006.

. CREDER, Hélio. **Instalações elétricas**. 15.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

. CROCE, Marcus Antônio. **O encilhamento e a Economia de Juiz de Fora** – O Balanço de uma conjuntura – 1888-1898, Funalfa Edições, 2008.

. DIAS, Renato Henrique. **Juiz de Fora em dois tempos**. Publicação do Jornal Tribuna de Minas.

. FAZOLATTO, Douglas. **Juiz de Fora**: Imagens do Passado. Funalfa Edições, 2001.

. FERNANDES, Fernanda Pires Alvarenga, PASQUINI, Teo Salgado. **Jornalismo Cultural e preservação do patrimônio**: o caso da Capela do Stella – Encontro Nacional de História da Mídia.

. Guia dos Bens Tombados de Juiz de Fora – Divisão de Patrimônio Cultural da Prefeitura de Juiz de Fora – Ed. Expressão e Cultura.

. GUIMARÃES, Elione Silva e GUIMARÃES, Valéria Alves. **Aspectos Cotidianos da Escravidão em Juiz de Fora,** Funalfa Edições, 2001.

. GUIMARÃES, Elione Silva. **Múltiplos Viveres de Afrodescendentes na Escravidão e no Pós-emancipação**: família, trabalho, terra e conflito (Juiz de Fora-Mg, 1828-1928). São Paulo: Annablume. Juiz de Fora, Funalfa Edições, 2006.

.LIMA, Junia de Souza. **De meninas fiandeiras a mulheres operárias**: A inserção da mão-de-obra feminina na companhia de Fiação e tecidos cedro e cachoeira (1872-1930). [Mestrado]. CEFET-MG Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2009.

. MARIOSA, Gilmara Santos. **Negras Memórias da Princesa de Minas** – "Memórias e Representações Sociais de Práticas Religiosas de Matriz Africana". Funalfa Edições, 2009.

. MASCARENHAS, Nelson Lage. **Bernardo Mascarenhas** - O surto industrial de Minas Gerais. Gráfica e Editora Aurora, RJ, (1957?). p. 103.

. NICOLINE, Humberto. **JF anos 80**. Juiz de Fora, MG: Funalfa, 2009.

. OLIVEIRA, Luís Eduardo de. **Os trabalhadores e a cidade**: a formação do proletariado de Juiz de Fora e suas lutas por direito (1877-1920). Juiz de Fora, MG: Funalfa, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

. OLIVEIRA, Paulino. **História de Juiz de Fora**. 2. ed. Premiada pela Câmara Municipal de Juiz de Fora – Lei nº 345, 29 set. 1950. Juiz de Fora, 1966.

. PINTO, Jefferson de Almeida. **Controle social e pobreza**. Juiz de fora, MG: Editar, Funalfa Edições, 2008.

. PIRES, Anderson, **Café, Finanças e Indústria** – Juiz de Fora 1889-1930, Funalfa Edições, 2009.

. Revista Ação Cultural – Publicação da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage - FUNALFA, Ed. Esdeva, 1992.

.SOUZA, Márcia Aparecida de Paula e. **Indústria têxtil e produção cultural**: o declínio desvelado. [Monografia]. Universidade Federal de Juiz de Fora. IAD. Juiz de Fora, MG, 2010.

. VAZ, Alisson Mascarenhas. **Bernardo Mascarenhas**: desarrumando o arrumado - um homem de negócios do século XIX, Cedro, 2009.

Blog HTTP://bernardo-mascarenhas.blogspot.com

Sites utilizados:

http://www.pjf.mg.gov.br/patrimonio/bernardo_mascarenhas.htm
http://vestibular.uol.com.br/ultnot/resumos/ult2770u11.jhtm
http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo3/315.pdf
http://www.belmirobraga.mg.gov.br/tres%20ilhas.htm
Bibliografia sobre Juiz de Fora - http://www.ufjf.br/bibliojf/publicacoes/livros/
http://www.pjf.mg.gov.br/patrimonio/usina_marmelos.htm
http://www.ricardoarcuri.com.br/jfora/bernmascarenhas/bmascarenhas.htm
http://williamxaviercarvalho.blogspot.com/2009/06/bernardo-mascarenhas-o-maua-de-minas.html
http://www.caetanopolis.mg.gov.br/
http://www.fdc.org.br/pt/parcerias/pda/encontroanual/Paginas/cedroecachoeira.aspx
http://www.ferias.tur.br/informacoes/3598/piedade-do-paraopeba-mg.html
História do Fogão:
http://www.modavestuario.com/218tendencianocontextoarquiteturaedesigndeambientes.pdf
http://rosarsg.vilabol.uol.com.br/trab8.html
Quitutes: http://www.bussolanet.com.br/culinaria/lista_receita.asp?tipo=Quitutes
http://www.cedro.ind.br/br/institucional/empresa.asp
A primeira fundição de ferro guza (Pedro Schubert)
http://juizdeforaonline.wordpress.com/arquivo/150anos/industria/
http://www.idasbrasil.com.br/idasbrasil/cidades/juizfora/port/pioneirismo.asp
http://www.nasentrelinhas.com.br/noticias/costurando-ideias/013/versatil-e-democratica-a-chita-estampa-a-identidade-brasileira/
http://fashionkillsme.wordpress.com/2009/05/20/visita-a-cedro-cachoeira/
História 3 - Walter Sebastião:
http://www.comartevirtual.com.br/bh1secul.htm
http://www.tribunademinas.com.br/dois/dois10.php

http://www.tribunademinas.com.br/especiais/lembrancas.php
http://www.pjf.mg.gov.br/funalfa/ccbm/galerias.php
http://www.pjf.mg.gov.br/funalfa/ccbm/historico.php
http://www.acessa.com/educacao/arquivo/oportunidade/2007/11/12-cem/
http://www.ufjf.br/centrodeciencias/museu-usina-marmelos-zero/
http://pt.wikipedia.org/wiki/Usina_hidrel%C3%A9trica
http://contextostextosehipertextos.blogspot.com/
Fotos antigas sobre a conquista do CCBM
https://picasaweb.google.com/rosemvalverde/ReportagensMascarenhasMeuAmor1983?authuser=0&authkey=Gv1sRgCLn2norE4enHSg&feat=directlink

VÍDEOS

Apresentação do projeto: http://youtu.be/g9uRj-vlXp0

História 4 - João Luiz Miranda: http://youtu.be/jslXuM7QO_4
http://youtu.be/gNK6Nlg1DkU

EXPEDIENTE:

Elaboração da Apostila:
Sonia das Graças Oliveira Silva

Projeto Gráfico:
Rose Valverde

Projeto Aprovado pela Lei Murilo Mendes sob n. 037/10

CIDADE DE JUIZ DE FORA PREFEITURA
FUNALFA
Murilo Mendes Lei Municipal de Incentivo à Cultura Prefeitura de Juiz de Fora

Equipe do Projeto Bernardo Mascarenhas

Rose Mary Pinto Valverde de Carvalho - Proponente
Desenho e Artes Plásticas – UFJF.
Pós-graduação em Arte, Cultura e Educação – IAD/UFJF - 2010.
Profª. de Artes no CEM – Centro de Educação de Jovens e Adultos – Curso de Teatro (2002 e 2003), Desenho Artístico (desde 2002), Desenho em Quadrinhos (desde 2007) e Desenho de Moda (desde 2007).
Artista plástica, decoradora, designer gráfico,web designer.
Representante de Artes Plásticas no CONCULT (Conselho Municipal de Cultura de Juiz de Fora 2011/2013).
www.rosevalverde.art.br, http://dicasdemudancas.blogspot.com

Sonia das Graças Oliveira Silva
Ciências/Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Guaxupé – MG.
Pós-Graduação em Arte, Cultura e Educação - IAD - UFJF- 2010;
Pós-Graduação em: Mídia e Deficiência – Faced/Facom - UFJF;
Pós-Graduação em: Arte-Educação Infantil -Faced - UFJF.
Participação em bancas de Conclusão de Curso como orientadora e avaliadora - UFJF/ Banca de Conclusão de Curso - CES.
Publicações em sites na área de Educação. Autora de capítulo no livro: Como obter educação através do ensino.
http://soniaoliveirajf.blogspot.com

Alcione Bracher Capute
Pedagogia - CES -1997; Pos-graduação em Arte Educação Infantil - UFJF - 2000; Pós-graduação em Arte, Cultura e Educação - IAD - UFJF- 2010. Prof.a aposentada da Rede Municipal de JF, tendo atuado com projeto de arte/educação entre 2001 e 2008.
Prof.a da Faculdade Metodista Granbery, no curso de Pedagogia.
Ministrou várias oficinas e atua como orientadora e avaliadora em bancas de monografia nesta instituição. Participou de inúmeros congressos de educação e arte/educação; Exposições individuais e coletivas em diversos espaços culturais de JF.

Sara Maria Manso Siqueira
Bacharel e licenciado em Educação Artística - UFJF.
Pós-graduação em Psicanálise Subjetividade e Cultura - UFJF.
Integrante do núcleo de produção e estudo de quadrinhos do IAD.
Publica o fanzine "QI: Quadrinhos Independentes" de Juiz de Fora.
Junto ao João Miranda montou a exposição "Do Início ao Meio".
Atriz (grupo de teatro Criarte), escritora, desenhista.
Criadora da personagem Sara Joker, com tirinhas na internet, no blog http://sarajoker.blogspot.com. http://sarajoker.deviantart.com

João Luiz de Souza Miranda
Bacharel e licenciado em Educação Artística - UFJF. Integrante do núcleo de produção e estudo de quadrinhos do IAD e publica no fanzine "QI: Quadrinhos Independentes" de Juiz de Fora. Junto a Sara Siqueira montou a exposição em quadrinhos "Do início ao meio".
Ilustrador, Fotógrafo, Designer e editor freelance.
www.yami-jo.deviantart.com, http://www.behance.net/joaomiranda

DESENHISTAS PARTICIPANTES:
. **Leonardo Fortes de Paiva** - Arte Educador e Artista Plástico
. **Felipe Rocha** - Graduado em Artes - UFJF
. **Rosangela Martins** - Ex-aluna de Desenho Artístico e Quadrinhos - CEM - Centro de Educação de Jovens e Adultos Dr. Geraldo Moutinho
. **Pablo de Oliveira Fernandes** - Ex-aluno de Desenho Artístico e Quadrinhos - CEM